

COMPRA  
- DEZ. 1952

Rev.

A.

H.



# O XUÃO

SEMANARIO DE CARICATURAS E HUMORISTICO. CARICATURISTA SILVA E SOUZA

DIRECTOR E PROPRIETARIO  
**ESTEVAO DE CARVALHO**  
SECRETARIO DE REDACAO  
**JULIO DUMONT (ORLANDO)**  
COMPOSTO, IMPRESSO E LITHO GRAPHADO  
NA EDITORA L. CONDE BABAQ, 50-LISBOA

REDACAO  
E  
ADMINISTRACAO  
R. da CRUZ dos POVAES, 84, 3.º E.  
LISBOA

ASSIGNATURAS  
ANNO ..... 1000 REIS  
SEIS MEZES ..... 500  
TREZ MEZES ..... 300  
NUMERO AVULSO 20 REIS  
ANUNCIOS. PRECO CONVENCIONAL

Administrador  
**Ricardo de Souza**  
**N.º 53**

ANNO 2.º

Terça feira, 2 de março de 1909

## UM SALVADOR DEVOTADO



S.S.

APANHEI-TE CAVAQUINHO! VAIS JA MARCHAR PARA TIMOR!

O *Xuão* ao iniciar o seu 2.º ano, cumprimenta todos os seus collegas da imprensa.

## CHRONICA

### Memento homo...

Adeus, meu velho amigo Carnaval! Adeus, ó folião antigo, incorrigível e ensebado desordeiro, todo cheio de fuligem e de farinha! Adeus, encarquilhado salsa, de grande monoculo e comprida corrente, melena d'estopa e nariz verrugoso!

Vi-te há dias e não te conheci. O que era feito d'aquella turbulencia atroadora, d'aquella desordem truanesca, da tua insolencia do teu des-caro?

Nada d'isso existia. Em cima de typoiás pelintras, ornamentadas com papel de côres e algumas fitas baratas, lançavas ás turbas uma ou outra bolsinha de bonbons de chocolate, sempre á espera de que tivessees resposta, para não perderes tudo. Rias, e o teu riso era contrafeito, paufado, burocratico, silencioso; abrias os braços, e elles pareciam estar a espre-guiçar-se; os teus olhos indicavam te-dio e a tua cabeça pesava de somno. E porquê, meu velho Carnaval?

Porque tu eras, na tua nudez im-munda, o espectáculo da Liberdade. Tu vinhas collocar as consciencias em mangas de camisa; a besta hu-mana, sob o teu dominio, tomava o freio nos dentes e irrompia pelo campo vedado ás conveniencias, a espinotear sobre a Gravidade e sobre a Austeridade. Cada um, durante o lapso de tempo em que o teu sceptro, feito d'um chifre retorcido e de um facalhão agudo, presidia aos destinos do mundo, espojava-se em plena posse de si mesmo, alegre de se ver tal qual era, encadernando o seu in-timo com a libré que mais lhe convi-nha! O Carnaval sujo, ó Carnaval truão, ó Carnaval insolente, eras um espelho do mundo em toda a sua ani-malidade suina, despias os falsos ou-ropéis das convenções e integravas cada um no seu verdadeiro logar: da-vas beliscões na côxa do estadista pu-dico com a mesma sem-ceremonia alvar com que beliscavas a cortezã embriagada! Eras um raio X, atra-vés do qual a alma humana se nos patenteava em todo o seu monstruoso esplendor!

Mas vieram os homens circumspec-tos. Olharam para os ovos cahidos nas ruas, para os fatos cheios de gês-so, para os chapéus amolgados, para os peitilhos cobertos de manchas, e exclamaram com santo horticão:— Isto é inconveniente!

E tornaram-te conveniente. Forma-lisaram-te, quizeram vestir-te de gen-te, e, a final, o que ficaste? Um idiota. Um idiota e um pelintra. Só sabes fazer um esgar e pedir um vintem, ó meu ebrio pagão. Foi o que fizeram de ti os editaes do Governo Civil!

De um javali fizeram um porco, e um pôrco de casaca e chapéu alto.

Adeus, pois! A civilização, essa *croia*, mandou fazer-te umas botas no Coimbra; todavia, não conseguiu que deixasses de ser um solipede. Os mi-nistros recearam a tua concorrência e puzeram-te, aos pés da Lei, como Samsão aos pés de Dalilla e Hercu-les ao pé de Omphale. E's um insi-pido, és um chato!

Vae-te, com trezentos mil diabos, e não appareças cá mais! Para Car-naval basta-nos o Campos Henriques.

E DE C.

O Vasco da Gama, vulgo o Pim-pão, encolheu ahi para fóra.

E' o costume.

Os valentes vasos da *morrinha* na-cional são como os cegos, que andam sempre ás *topadas*.

Isto é em tempo de paz; calculem em occasião de guerra!..

## Gozas

Lindos olhos tem alguém!?

MOTTE

*O' filha, esse teu olhar:  
Tem-me dado volta ao caco)...*

GLÓSA

Desde que juraste amar  
Este pobre desgraçado,  
Ficou-me n'alma gravado  
*O' filha, esse teu olhar:*  
Jámais o pude olvidar  
Por mais que me entregue a *Baccho*  
E já me sinto tão fraco  
Por causa do teu amor,  
Que o teu olhar seductor  
*Tem-me dado volta ao caco)!*...

ZÉ DA HERDADE.

A famosa liga monarchica do Chia-do divertiu-se immenso no carnaval, atirando com batatas, nabos, cocotes, etc., etc.

Realmente é uma liga carnavalesca. Teve o *senão* de agredir creanças e mulheres, mas no genero comico leva as lampas ao batalhão da Alfama.

## Cancioneiro da Patria

III

Oigo bem a voz dorida  
D'uma guitarra a chorar;  
E' meu Portugal, querida,  
O seu passado a cantar.

Como chora lentamente  
Ao ver tão grande monturo;  
Não olvidando o presente  
E prevendo o seu futuro.

ALI-BÁBÁ.

## Os electricos

O tal Deus fez-nos de barro  
Como qualquer maravilha,  
Tal como se faz um jarro  
Ou se fabrica uma bilha.

Mas não tendo intentos tetricos,  
Não sabia esse valente  
Que havia de haver electricos  
P'ra esborracharem a gente.

Senão, dando enorme berro  
Da gloria nos cocurutos,  
Fazia a gente de ferro  
P'ra nós livrar de taes brutos!

UMA VICTIMA.

## Sôr redaitor

En bista da sua aquella ca vomecê teve acomigo cando foi do intruido e de mê compadre Zé da Herdade téri ido para os Madride Espanha por via dos toiros do Mizuras é cá vou a fazer a escrevinhadella por elle na castão ca toca aos politegos. Por ca elle agoira ven com a cabeça chêa de toiros, e nunca mais quer saber das indrominas com que a gente anda aos ingulhos.

Ao fazer esta para vomecê istou frarto da dezer a minha Clotilde que nan esteja com sustro pro que isto aqui nan é o Cartaxo.

Deixa-me andar á vontade, mulher!  
Mas cal!

Ella ten o cazal, que ven a ser dos filhos.

Ella ten a fazenda do Almeida, que é, assim como a quen diz, a que lhe rende mais.

Ella ten a quinta do tinoco que tamben lhe deixa alguma coizica!

E ainda ten tenção de tomar o amanho da fazenda do sr. Corrêa!... Lá ca ella é trabalhadeira, nan mette du-vida! Ella gosta muito d'amanhar as fazendas, o ca ten é pouca sorte. Mas nan quer ca é mi metta na politega.

O' sua estupida! digo-le ê! (Com perdão do sor redaitor.)

Antão um home que é instruido e ca ten sabedoria de iscrivinhar nos papeis, é algum malvado! Su alma d'um macho?!

Mas ella nan se aconvense e en-quanto nan entrar no caminho da politega ca é quero ca ella tome, nunca sará a flor cá da parvalhera.

P'rá samana serê mais comprido por ca esta pr'ó sor redaitor já vae grande, e é nan me quero istriar-me a *arreburrecellos* a vomecês.

Oliveirinha da ronha, logar da fro-nha.

1 do principio do mez de março de 1909.

MANEL CÉGUINHO.

A policia effectuou no passado car-naval 198 prisões.

Não se diga que não estamos n'um regimen de *liberdade*.

## Animatographo... vivo

Fulos e raivosos, os jornaes monarchicos esgrimem contra umas cégadas maltrapilhas que se referiam ao regicídio e cujos mascarados foram presos.

Não approvamos o desrespeito aos mortos.

Estranhamos apenas que a monarchia se indigne tanto.

Calcularia a hysterica matrona que a hydra estava agachada debaixo da caraça dos foliões?

O medo é muito; o resto é que não apparece nem ao, escapar.

Essa dama já córada,  
Que é levada do diabo,  
Até já n'uma cégada  
Vê a hydra a dar ao rabo!

Com tanto receio, crêdo!  
Pode alcançar dez lesões;  
Ella que tem tanto medo,  
Lá tem as suas razões.

O correspondente de Londres para uma gazeta nacionalista diz que: "respirou pela primeira vez em Campolide, em 1839."

Prova-se que já attingiu a meta dos setenta, com escala pelos sessenta e nove, que já fez e que lá o Deus d'elle lhe consinta que faça outra vez.

No emtanto respirar em Campolide n'aquelle tempo era talvez agradável; agora é um cheiro a jesuita que tresanda.  
Safa!

Em tempos que já lá vão  
Havia por lá bom ar,  
Era um sitio d'encantar,  
Conforme a Natura o pede,  
Agora lá pelos sitios,  
Que nos valha a christandade!  
Ha por lá um cheiro a frade...  
E' um cheirinho que fede.

Diz-se que já foi lido e relido o discurso da meia corôa e que, depois do lapis azul da Senhora dos Navegantes e de varias pontuações a mais ou a menos, a coisa vai ser gramophonizada para a solemnisima occasião.

Não perdemos com certeza a occasião de ouvir tão bella peça litteraria, mas se o acaso nos impossibilitar de tal, que S. Gramophone nos valha!

Deve ser discurso infindo,  
Como ao longe já se vê,  
N'um palavriado lindo  
Do grupelho W. C.

Entre as varias reinações cá d'esta cidade de marmore e granito á beira-mar *prantada*, figura a amavel *complacencia* dos illustres carroceiros que se dignam andar em *bicha* pelas ruas da baixa, não deixando os pacatos cidadãos atravessar as ruas.

E' tudo d'elles.

A's vezes chegam a formar cortejo muito maior que o da Avenida no Domingo gordo.

A policia farta-se de rir e nós é que não conseguimos ir tratar da vida sem o perigo de atropellamento.

Valha-nos S. Lucas!

Ha cem mil casos bem tetricos  
Que ao póbre Zé causam mossas:  
São automoveis, electricos,  
Carros, carrinhos, carroças.

Tudo as arterias invãde  
Com o despótico alfange,  
E' dos carros a cidade,  
Quem fôr peão que se... arranje!

Se tivéssemos aqui á mão um bilhete de visita para dar os parabens ao franquismo estamos na attitude de lh'o mandar.

Todos os dias o *Illustrado* noticia a entrada de illustres militares para a confraria, pelo que vamos alli ao Bayard encomendar um cento de cartões, dos baratinhos, para felicitar os centros.

Não se desmente nunca a *heroicidade* portugueza.

Ainda ha lusos cá na parvonia!

E valentia de certo,  
Podem crer não ser chalaça,  
Valentia e sizo esperto  
Porque o nome de *thalassa*  
Custa muitissimo.

E' certo.

ORLANDO.

Andaram por ahi os alviçareiros a dizer que ficavamos brevemente sem W. C. pois cahia o ministerio e nós no entrudo andámos ralados com isso.

A final não cahiu e cremos que até sabbado de Alleluia não haverá perigo.

N'esse dia é que pode ser que elle se queime!

## EPITAPHIO

Jaz aqui, por vis destinos,  
Um *thalassa* dos activos.  
Qu'ria a morté aos jacobinos,  
Foi victima d'uns pepinos,  
E os jacobinos 'stão vivos!

MARCOS.



O presidente da camara dos pares é o chefe dos *santinhos* nacionalistas. Não ha sessões este anno. São *Te-Deums*, *lasperennes* e *laidainhas* com acompanhamento de *harmonium*.

Falta lá o padre Mattos para acompanhar a festa a cópo-phone!  
Amen!

## Pela semana

Semana de folia e alvoroço,  
De andar de sacco aberto a pedir esmola,  
De levar muito ponto a dura tóla,  
Do pobre, é velho já, roer n'um osso.

De foliar alegremente o moço,  
Pois as portas fechou a féra escola  
Nos calaboiços gente se rebola.  
Por atrair com pós, ovos, tremoço!

E assim bem lestantemente se passou  
O tempo em que o gosar mais se avigora.  
Agora é confessar-se quem peccou!

De pena a minha alma ainda chora,  
Porque é que a sorte não me destinou  
P'ra ser, no carnaval, da Boa Hora?

DR. SULIPANTA.

Continuam as rugas ás infelizes.  
Bem se vê que o tal do paiz da luz  
já regressou ao seu reino *femeophobo*.

## Indicações uteis

A nossa vizinha Aldegundes é filha do continuo de uma repartição do Estado.

Perto do carnaval mandou fazer um vestido vermelho para ir visitar as primas Silvas; no Entrudo ostentou um dominó de seda verde e agora já tem em prova um vestido preto, para mostrar o luto que sente pela quaesma.

Mal a Alleluia surgir com a cooperação da ridente primavera temos vestido novo, azul ou *gris-perle* conforme a moda; no verão fato branco de fina cassa e para o outomno saia de xadrez á ingleza e blusa de veludo azul.

O pae do portentoso rebento tem os ordenados rebatidos n'um agiota e traz as botas rotas e as calças com fundilhos.

A Aldegundes é pretendente ao casamento. Se convier a algum dos leitores, é aproveitar, porque dois annos depois tem a casa transformada n'um... guarda-roupa!

Para curar radicalmente as tosses mais rebeldes deem-se, n'um tacho de dez réis, quatro litros de leite, doze gemmas de ovos, o summo de vinte limões e doze a quinze kilos de farinha. Mexa-se bem tudo, ponha-se ao lume e depois façam pillulas e tomem.

Verão que bom resultado.

LÁ CONICO.

A syndicancia á *insanitaria* está lá mas é de *gesso*.

As pobres *toleradas* continuam a ser perseguidas com tal furia que até parece que ha por lá *viroscas* que temam a concorrência.

Que bons rapazinhos os *insanitarios*!...

# ABERTURA DA EPOCHA



S. G.

A SORTE QUE O ESPERA

## Passes... de peito

Conclui hoje a minha missão.  
Já era tempo. Caramba! Estou farto de dar passes de peito *bajos y altos* n'esta mixórdia a que se chama *pulitica*, sem que para isso tenha a vocação precisa.

Touros. Touros e mulheres!... Os nossos vizinhos hespanhoes, dizem com todo o orgulho, *Pan y toros!* Eu digo tambem touros e bellas (sem Senhor da Serra.)

Pois haverá nada mais agradável á vida do homem, que uma tarde de touros?... Haverá nada mais supinamente superior que uma noite calma passada recostado no collo da mulher amada?

E quando o murmurio da folhagem oscilla e se confunde com longos e apaixonados beijos?!

Como nos appetite, n'essas noites calmosas, gosar os carinhos da mulher adorada!

Como é estonteante ouvir as suas palavras, muito de mansinho, leves como borboletas, segredarem-nos as mais ternas dedicações!

*Por Dios, es lo que se dice torear por lo fino!*

E quando ella ao nosso lado, em trajo galante e leve, se dirige a *los toros* e que, sem perceber nada, se manifesta, entusiasta, applaudindo! Ri sem saber porque; lastima um desastre com a sua alma candida, e dedicada, e depois volve seu meigo olhar n'uma interrogação muda, que só o coração comprehende.

— Coitadinho, estará morto?

Transições!

Mas seja como fôr, a verdade é que vamos chegando ao tempo do capilé e copo com agua e que se vá o Carnaval para as profundas do inferno, que nós o que precisamos não é de danças da lucta; é de um curro *d'anjos das lezirias*, e ver os nossos queridos artistas defrontarem-se com os ditos, sem comerem papos d'anjos, nem irem aos papos dos ditos!

Venham, venham as touradas,  
Venham do bando os clarins  
E as moscas desesperadas  
Na careca do Martins

Venha o espectáculo adorado  
Do Zé d'Alface e alpista,  
Venha o nosso Segurado  
E o Albino Zé Baptista.

Venha o Lacerda tambem  
Que promette maravilhas  
Na praça que tem além  
Na outra banda, em Cacilhas

Venham touros, muitos touros.  
E desejo, por entrada,  
Aos artistas muitos louros  
E ás emprezas a *massada* (1)

ZÉ DA HERDADE.

(1) Quero dizer massa grossa.

Diz-se que o prior d'Ajuda, vulgo pad. Mattos, vae fazer catecheses ás creanças na quaresma.

D'esta vez é que o orphão Albino,

d'Ervidel, vem para Lisboa aprender a paternal doutrina.

Olá!

## Mascara que seduz...

Andava pelo Entrudo passeando P'las ruas da cidade, lindamente, Vestida, uma menina e tão decente Que ao vel-a a populaça ia parando...

Vivo encarnado assim a vi trajando,  
De verde esp'rança traz facha pendente;  
E mostrando-se ao povo altivamente,  
Bandeira Idealista ia empunhando.

Levava na cabeça e com preceito  
Um formoso *barrete*, predizendo  
O Futuro tão bello do Direito...

Lá vae assim as ruas percorrendo!  
E os rapazes, atraz, mas com respeito:  
Viva esta *gaja!* Viva! Vão dizendo...

ALI-BÁBÁ.

O jornal dissidente escreve;

"Terminada a lucta contra a dictadura, os dissidentes que se tinham entendido com republicanos no movimento revolucionario por preferirem tudo á monarchia absoluta que então havia. acham-se onde estrvam antes da dictadura."

E estão muito bem.

Olhos fitos no pennacho e o olhar esgazeador por não o apanharem, continuam a *nove* no seu posto.

Apoiado!



J. d'A C.

(O homem das pavorosas)

Segundo se diz, o secretario do governador civil foi um dos que tomou parte activa na brincadeira brutal dos OVOS.

Outros affiançam que era o proprio governador civil.

Talvez elle pensasse que assim aranjava uma pavorosa.

Já não sae o livro do sr. conde.

O papel foi applicado em *confettis*.

## O Xuão

O bom Xuão um anno conta já,  
Apesar das mais vis perseguições  
Que movido lhe teem os ratões  
Cuja divisa é só:

— *C'est tout á moi!*

Por tal motivo rindo-se elle está  
D'esses malvados, maus politicões  
E hoje dizer-lhes vem n'altos pregões:  
*Vous êtes les coquins.*

*Ceux d'ici-bas.*

E como é patriota e tem amor  
Ao povo a quem defende com ardor  
Sempre sem que elle nada lhe supplique

Trabalhará assim frementemente  
Até poder gritar em tom estridente:  
*Vive le Portugal!*

*La République!*

RALMEIDA.

## Vão bem

O presidente da camara dos pares é nacionalista, *canastra* puro.

O vice-presidente é franquista!

Não chega esta noticia para se aquilatar da orientação do nefasto ministerio W. C.?

A nós parece-nos que chega e so-beja.

## Os da «Alta» no Carnaval

Chamaes ao povo vil ralé grosseira;  
Vós sois o tom que veste só á moda;  
E' elle ainda a suja piolheira  
E vós illustres, sois a *alta roda*.

São elles um montão inconsciente;  
E vós a fina flor da sapiencia;  
São elles a canalha indecente  
E vós o duque e conde, o V. Ex.ª

Porém eu vi então no Carnaval  
Os reles pelas ruas da cidade,  
De bluse, de capote ou avental,  
Apenas implorando a Caridade!

E vós, com altos collarinhos finos,  
Cercando-vos de luxos e honrarias,  
Fizestes os mais torpes desatinos,  
Com baixas e nojentas porcarias.

E qual então do caso a dedução,  
Que ora se mostrou tão evidente?  
Aonde está o senso, a cohesão,  
E qual o educado ou indecente?

E' que isto anda tudo invertido;  
E quando chega o carnaval, então,  
Cançados d'um viver assim fingido,  
Demonstram bem a todos o que são.

O povo pede esmola esfomeado  
De mascara no rosto, sem pilheria;  
Sem ella não o faz, envergonhado,  
E no emtanto vive na miseria.

E vós, en sei, não sois o natural;  
Fingis p'ra ahi saber illustração,  
Mas, bem se viu tambem no Carnaval  
O quanto é escassa a vossa educação!

STYL.

## Epitaphio

Aqui jaz Manuel Cartucha,  
N'este pequeno coval;  
Morreu, coitado, á capucha,  
Engasgado co'uma *bucha*,  
Das buchas do carnaval.

LEÃO PARDO.

Cartaz

D. Maria — *Tartufo*, a bella comedia e no dia 5, a festa artistica de Augusto de Mello com *Os solteiros*.

D. Amelia — *Chá das cinco, Menino Ambrosio, Gabinete Intrujopathico, Paus e espadas e Inglez sem mestre*. Tudo isto variadinho, para o publico lá ir uma semana a fio.

Trinidade — Na sexta feira a opera de Keil, *A Serrana*, cantada em portuguez, milagre do Taveira.

Gymnasio — *O olho da Providencia*, que está por allí para dar enchesentes. O Valle tem olho para lavar e durar.

Principe Real — Brazão, Ferreira da Silva, Alvaro, Christiano de Souza e Lucinda Simões, com Maria Falcão e o resto da bella companhia organizada por Eduardo Victorino.

Não é preciso dizer mais.  
Avenida — A revista de Souza Bastos, *A nove*, com deslumbrante scenario e guarda-roupa.

Rua dos Condes — *O cacharolete*, que nunca mais sahe do cartaz e promete ter a vida de Mathusalem.

Colyseu dos Recreios — Variedades, animatographo, celebridades artisticas, e tudo isso em tres sessões por noite, com a geral a tostão.

Emfim, um chuveiro de animatographos, cada qual o melhor, e uma immensa vontade de pôr ponto ao discurso.

REPORTER.

O janota do Chiado

No carnaval que ha dias terminou *Gimbrou* ovo de gemma; o branco pô, Sem ter p'las farpelorias algum dô, Pintado o mais *pintado* assim deixou.

Quem com *delicadeza* assim brincou Gastando está a massa da *avó*. . . Trabalho? Não conhece nem um só! Foi descarregador quem lh'o legou!

Agora usa compridos collarinhos, Veste do Amieiro, lér não sabe. . . É rei, se está n'um môlho de brutinhos.

Foi besta nos tres dias; que se gabe! Agora traz no ar os dois *bracinhos* Até que essa licença se lhe acabe!

PICHIRINÉE.

**Homenagem aos defensores da liberdade vietimas do dietador, com os retratos dos Drs. Antonio José d'Almeida, Affonso Costa, Egas Moniz, João Pinto dos Santos e dos srs. João Chagas, Visconde da Ribeira Brava e França Borges, acompanhados d'um brilhante artigo devido á penna do ex.<sup>mo</sup> sr. Santos Tavares.**

Este trabalho constitue uma recordação do mez de janeiro de 1908.

A nova edição é de luxo, impressa em magnifico papel couchet, propria para quadro.

Pedidos ao editor Estevão de Carvalho, rua da Cruz dos Poyaes, 84, 3.º esq.

No PORTO: A. Dias Pereira & C. — R. da Cancellia Velha, 57.

A magua nos ataranta Sem ter salero nenhum, 'Stamos na semana santa, O tempo em que nos quebranta Alambazado jejum.

Foi-se embora a pagodeira, Agora é só contricção, Jejuar á sexta feira, Rezar qual velha gaiteira E ir submisso á confissão.

Eu, que sou das gentes serias, Aos santos tiro o chapéu, Só rezo e não faço lerias!

Guardo todas as pilherias P'rás dizer depois no... céu!

OSCAR.

Admirem-se



Pelo caminho que as coisas vão tomando não tarda uma loja de bebidas que o *Xuão Franco* não esteja ahí a deitar discurso nas côrtes.

Temos visto coisas mais extraordinarias.

Tiro ao alvo

A um monarchico

Lá tens tua razão p'ra ser's o que és E ninguem certamente te censura; Pretendes um logar, portanto *fura*, Fazendo á monarchia *tagatés*.

No *Chiado* provoca alguns *banzés*, Na tal *liga* da *trama* faz figura, E pôde ser que tenhas á procura Uma pósta que emfim te caia aos pés.

Berra que de talento és um colosso, Que tens aos jacobinos grande horror E que pôdes vencel-os porque és moço.

Affirma que ao regimen tens amor, E talvez que consigas algum osso D'aquelles que te atira o teu senhor.

JULOR.

Com que então fui a Madrid? Que grande pantomimeiro Andou a 'spalhar por ahí, Que eu embarquei no cesteiro?

Eu 'stou a ver que é frexeiro Quem deu o almiré, Aposto que o conselheiro Foi o sôr *Pichirínée*.

Pois não fui, 'stá enganado O meu collega amiguinho Foi muito mal informado.

Eu 'stive no Villarinho E parti p'ra o Carregado, Mas carregado de vinho.

ZÉ DA HERDADE.

BOA PULHA

Quiz arranjar uma *pulha* A mais baixa e mais sabuja P'rárreliar certo grulha Que está no rol dos pacatos; Entre muita cousa suja, Obscena que anda na berra, Até lhe chamei *thalassa* E o grande *gajo* achou graça, Mas chamei-lhe padre Mattos E isso é que elle foi á *serra*!

ZÉ LUSO.

Charada

Instrumento que serve p'rá apanhar — 1  
Que uma comadre tem, se fôr das bentas — 1  
E que, se não fôr boa, é de notar — 1  
Nos seus *flatos* encontra estas parentas. — 1

E' um enorme *taxadas*,  
Que berra e escreve sem geito;  
O' amigos das charadas,  
Quem será este sujeito?

FR. MÁO.

Theatradas

Estou de cama e de lá lhes escrevo. Tenho um olho em misero estado, o direito, porque uma *cocotte* m'o poz assim no Reino da Madureza, as costellas amolgadas, porque fiquei debaixo de um automovel enfeitado, uma constipação tremenda e um horror ao Carnaval que me pôe ao rubro.

Subi em balão e desci em maca. Agora jejuo, como é da praxe, e não sou capaz de comer carne durante a quaresma toda, salvo aos domingos e dias santificados, no que supplanto o *Corvo* do Buraco.

Corvo é como quem diz. Vicente é que elle é, e tenciona jejuar todas as sextas feiras *ao natural*, tal qual o pae Adão, que, apesar de viver muitos seculos antes de Christo, já variava de comidas, deixando a mãesinha Eva em jejum.

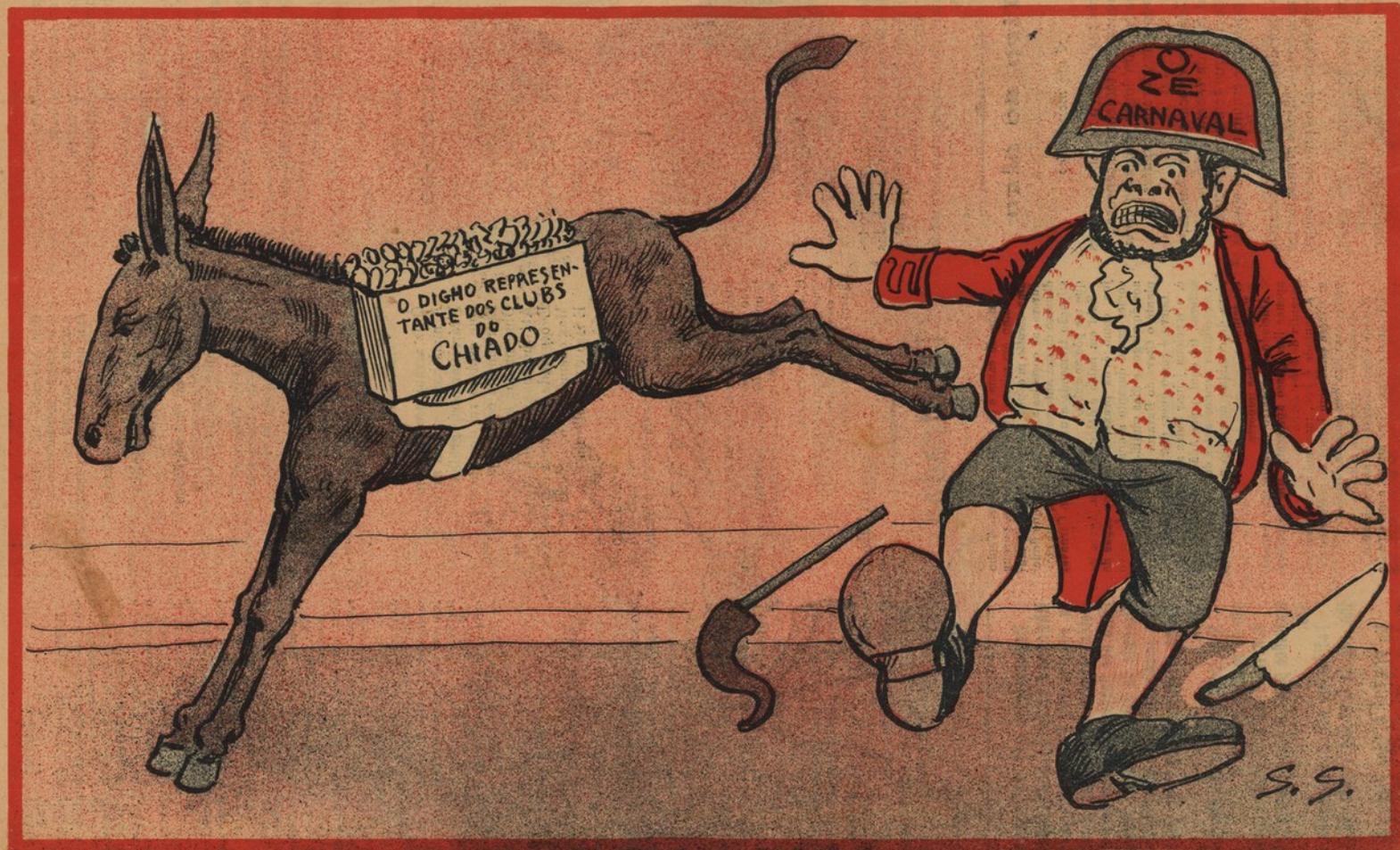
Vamos ao que importa.  
Alheiado do theatro durante uma semana, apenas lhes posso apresentar um cartaz sem garantia de *bater* certo.

A vontade é boa, mas tenho a certeza que se tivesse estado em Lisboa no periodo entru-desco, não isso lhes poderia fornecer.

— Porquê? — pergunta o leitor.

Porque tinha morrido de aborrecimento.  
Lá vae o cartaz, leitor amigo, e que o padre cura da sua freguezia lhe dê a absolvição dos seus peccados, sem penitencia grande.

# UM CIVILIZADO DO CARNAVAL



AHÍ TEM O LEITOR O VERDADEIRO FIDALGO SANGUE AZUL. ERAM IRMÃOS D'ESTE OS QUE ATIRAVAM OS OYOS

## Animatographo... VIVO

Um collega diz que o sr. dos Navegantes chamou á situação do Felix Telles que se foi por agua abaixo: os vin e e quatro dias da Sebastiana...

Essa cousa da Sebastiana é forte, apesar de velha e de ter amadores.

Se o grupelho se tem conservado mais quatro dias mettia n'um chinello em pilheria os vinte e oito dias de Clarinha, porque realmente estava mesmo a pedir musica de operetta; mas lá com a Sebastiana é que nunca nos quizemos entreter.

Safa!

O nome Sebastiana,  
Sem o saber definir,  
E uma cousa magana  
Uma cousa que faz rir!

Mas se por fórma magana  
O Telles encalhou á prôa,  
Já não é Sebastiana  
Nem mesmo... sebastião.

Prega na cloaca do Pelourinho o prior de Benavente:

Os incredulos e impios andam aterrados, tendo alguns levantado as mãos para o céu e confessado que existe um Deus que nos governa e que nos pode socorrer.

E' boa!

As casas destruidas, as familias na miseria e os pobres sem abrigo devem ser argumentos de peso para convencer os impios e os incredulos da existencia de quem, podendo ter evitado tanta desgraça, não se lembrou ou não esteve para isso.

Marque lá duas á preta, reverendo, que não torna a escrever outra como essa.

E' de truz a informação  
Que laconica e succinta,  
Demonstra senso e razão.

Ai que bonita occasião.  
Perdeu de não gastar tinta!

Na camara municipal tratou-se na ultima sessão das difficuldades que ha para transitar nas ruas mais concorridas da capital.

E' realmente verdade.

Nós temos gasto resmas de papel com o assumpto.

Ainda agora temos visto em ruas estreitissimas e onde mal passam os carros os passeios occupados com uns andaimes enormes.

Quem tiver pressa tem dois partidos a tomar: ou ficar debaixo de um electrico ou carroça ou passar por debaixo d'aquellas bizarmas, com o perigo de apanhar com um alambazado pedregulho, uma ripa mal pregada ou então uma panella cheia de cal cahida de um terceiro ou quarto andar.

Os gallegos fazem clubs das esquinas, os empregados publicos lêem os jornaes no meio dos passeios, as madamas levam oito horas ás beijócas, os commerciantes despejam as montras e enchem os passeios de fazendas e ultimamente os cafés põem mesas cá fóra, andando os creados a entornar bebidas em cima de quem passa.

Até merece um *chi-coração* a camara municipal se regularisar isso.

Contra não ouve zuns-zuns  
Por que tem razão a rodos;  
A rua não é só d'uns,  
Pois pertence-nos a todos.

N'esta linda capital e ás ordens dos *lindinhos* da *insanitaria* as mulheres não podem ser caixeiras.

As pobres raparigas das queijadeiras e casas da feira de Alcântara foram obrigadas a tirar o alvará de *camareiras*, cousa

que dá logar a varias prepotencias policiaes.

Não nos consta que se exercesse a menor perseguição contra os *virosas* que enxameiam por ahí, alguns bem escandalosamente, mas contra as mulheres a decantada *insanitaria* está sempre na estacada.

Por que será?

Eu digo sem azedumes  
E pergunto aos meus botões:  
—Será isso por... ciumes,  
Ou então, quaes as razões?

A pergunta é necessaria  
Porque o caso é bem complexo:  
Por que causa a *insanitaria*  
Tem horror ao bello sexo?

ORLANDO.

## Chama-lhe tolo

O *Bacôco* tem já mais cento e setenta ministerios para as primeiras chamadas.

Sempre previdente, o estafermol

Na vistoria passada ao nariz do sr. Beirão em consequencia dos ultimos abalos de terra reconheceu-se que nada soffreu.

## NÃO FALHA

O Wenceslau dispensou o auxilio do *Bacôco* para formar ministerio.

Ou seja o mesmo que dizer-se que temos ministerio até ao Santo Antonio.

## Musa vermelha

VI

A farça!...

Ha *reprise* da farça hilariante,  
Que diverte a valer esta nação,  
E em breve vae a *penca* do Beirão  
Entrar tambem na scena, triumphante!...

Vilhena faz papel de figurante,  
D'aquelles que só dizem sim ou não,  
E o *Zé Demente*, rei da situação,  
Faz *compère* manhoso e mui tunante...

A estrella d'esta peça é o *Manel*,  
Pombinho virginal e sem ter fel,  
Que chama da janella a freguezia...

A velhada, porém, não tem vontade,  
E fugindo, a correr, de tal *beldade*,  
Diz não querer pennacho nem chefia!...

REI LUSO.

## EPITAPHIO

N'este jazigo se encerra  
Em luxuoso athaude,  
Valente Marcial Guerra  
Que era um poço de saude  
E andava sempre na *berra*.  
Morreu, e que Deus o ajude,  
Com medo ao tremor de terra.

LÁ CONICO.

## Subscrição aberta pelo nosso jornal para os sobreviventes da catastrophe do Ribatejo

O *Xuão* abriu esta subscrição a favor dos sobreviventes de tão horrorosa desgraça, esperando que os seus leitores, na medida das suas forças, lhe enviem qualquer óbolo para acudir áquelles infelizes.

Apesar de só agora iniciarmos esta subscrição, temos já em nosso poder as seguintes quantias:

	Transporte	
O Xuão	.....	3\$250
Ricardo de Souza	.....	5\$000
D. Maria do Carmo Oliveira	.....	500
Joaquim de Oliveira	.....	100
Jacintho da Conceição	.....	100
Julio dos Santos	.....	100
Gilberto	.....	100
Arthur da Conceição	.....	100
Antonio Joaquim	.....	100

Total..... 9\$450

Quaesquer donativos devem ser enviados para a nossa redacção, rua da Cruz dos Poyaes, 84, 3.º, esquerdo.

## Canta-lhe d'essas

O piteirinhas do Mattos entende que só uma solução nacionalista salvava a patria... e o rei. E' possivel.

Quem não se salvava de uma carga de lambada era o *Zé*, se tal consentisse.

## Sôr Redaitor

Até ca fenal, vêo alguma coisa de jêto.

Foi a chuiva!

E tinha a minha fazenda en tal istado ca té fazia incrivele como nan caia p'rá banda.

Agora cus choviscos ca cairan prantou-se tudo tezo ca é uma prefeção.

O nabo até faz incrivele e o trigo arrebitou a espiga de tal manêra ca hade ser uma consolação p'ras cachopas cá do logar cando a vierem apanhar na quinta fêra da espiga.

E franquêo a siara a todas, pro ca é tamben a apanho no mêmo dia; e a ca é apanho, é das grandes, ca é a espiga da renda do casal.

Sa vomecê quezer a espiga cá do Manel, istá ás ordres da vomecê a mal dos collegas lá do príocico.

—Agora tamben calha ben precurar cu ma é ca foi essa coisa lá na cedade a respêto d'un vento grande ca i deu na quinta fêra passada.

Cá no logar ninguem procebeo ben como foi, nin nada.

O sê prior diz ca foi um tufão. O botecairo diz ca foi um vento do Chico Lopes.

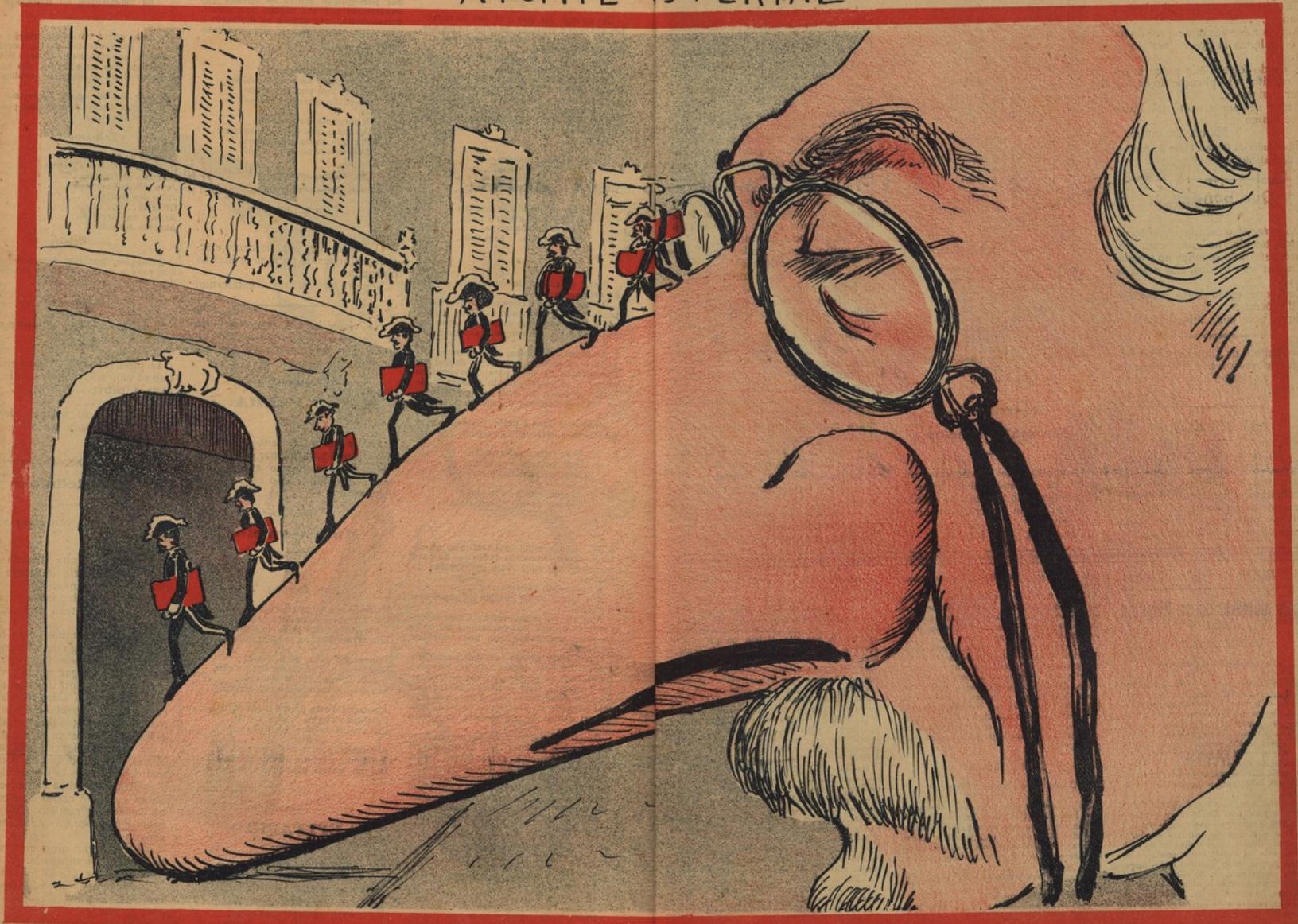
E ca nan sê!

O ca sê é ca coisa nan vae ben. Elle é félomos sismecos.

Elle é ventos grandes.

Elle é abalos na pulitega.

# A PONTE ESTERIL



CAMINHO MAIS PERTO... E PARA O VILHENHA E ALVIM

Pois sa té o brabêro ca do logar  
ma dice ca istá á espera d'um abalo  
na sipipula!?

Ca raio ven a ser a sipipula é ca  
é nan sé.

Aquilo a mê ver deve a ser doen-  
ça ô maleitas la dos homes istrui-  
dos.

E cando fôr ahi éde précurar ao  
sor redaitor a inspicção do ca ven  
a ser a sipipula.

Até a semana e acête saiodades  
do sé amigo

MANEL CEGUINHO.

Oliveirinha da Ronha, logar da Fronha.  
9 de maio de 909.

## Que bondade!

O Portugal, o seraphico orgão do  
Mattos taxada, pergunta com em-  
phase, referindo-se ainda ao tremor  
de terra: *não bastará esse aviso de  
Deus?*

Com que então Deus *avisa* d'a-  
quella fôrma?

Bolas para tanta misericordia!

No buffete da Liga ás terças fei-  
ras ha dobrada e tripas á moda do  
Porto, e ás sextas ha caldo verde e  
*fressura*.

## ORA AHI ESTÁ

A policia tem estado de preven-  
ção estes ultimos dias.

Procurou-se saber os motivos e  
descobriram-se facilmente.

Era por causa da partida dos *pe-  
lingrinos* para Roma! Ficava um  
grande vacuo na bufaria....

N.º 26 — FOLHETIM DO "XUÃO" — 11 de maio

## As seis mulheres do sr. Pinguin

### CAPITULO XIII

#### Os irmãos a Morte

— Numa Pompilius, rex Albanorum, duos  
filios habuit, Numitor et Amulius. Deus crea-  
vit coelum et terram. Ego nominor leo. Avarus  
sibi ipse no cet. Tu rides, ego fleo. Gallus  
escam quærens, margaritam reperit,  
Socer, armiger, rosa, bonus, templum. Teneo  
lupum auribus! Pingouinus est in cubile.  
Puer abige muscas! Pinguin, estás recebido  
como irmão da Morte!

— Mestre, falta ainda um juramento e uma  
formalidade, observou o penitente da di-  
reita.

— E' justo. Apague a luz. Pinguin, fecha  
os olhos e jura, com a mão sobre o craneo  
do Principe Negro, que não falarás d'isto a  
ninguem e que, quando entrares em casa,  
darás á tua esposa cinco bofetadas na face  
esquerda, seis na direita e tres pontapés no  
alto das pernas, tudo applicado com força,  
de modo que faça doer. Se não executaras  
as nossas ordens, serás apunhalado amanhã  
na tua casa, ao nascer do sol... Havemos de  
te alcançar, estas onde estiveres, e a nossa  
vingança será terrivel.

— Ju... u... u... uro! gemeu o Theo-  
phrasto, cujas maxillas faziam um ruido de  
castanholas.

Durante esta ultima parte da cerimonia,  
o penitente tinha lhe passado devagar a mão

## As Mendonças

Que me dizem ás Mendonças,  
Essas *canastras mastronças*  
Da Estrada de Sacavem?  
As tres filhas e a mãe,  
Mal creadas como burro,  
Fizeram um tal sussurro  
Na Livraria do Povo  
Por causa do livro novo  
*Christo nunca existiu*  
Que se vende alli á farta;  
Vão pr'ó raio que as parta!  
Coisa assim nunca se viu!

Se essa gente enfermiça,  
Quando fosse para a missa  
Lhe apparecesse um malandrão  
E que lhe deitasse a mão  
Ao livrinho das mentiras  
E lh'o reduzisse a tiras?  
Não gostavam da chalaça,  
Chamavam-lhe até desgraça.  
Pois fiquem sabendo já  
E escuso de repetir:  
Ninguem as mandou lá ir.  
Não gostam? Não fossem lá.

Mas ha um livro moderno  
Que as vae livrar do inferno;  
Devem gostar, é bonito,  
Pois está muito bem escripto,  
Em novo estylo; um primor,  
E é d'elle o seu auctor  
O Gallis, o grande sabio;  
Pois leiam o altarrabio  
Todo de fio a pavio,  
Porque hão de reconhecê-lo;  
Mette o outro n'um chinello,  
*O Christo nunca existiu!*

STYL.

## Do mal o menos

O arreda que não matava nin-  
guem ha já tempo, lembrou-se do  
*risonho* passado e matou um cavallo.

E não matou o carroceiro porque  
não calhou.

Ficou só a pão e laranja.

pela cara é pela testa, besuntando-a de ama-  
rello.

Depois fizeram-n'o vestir-se e, completa-  
mente transtornado e cheio de terror, o po-  
bre homem desceu a escada a correr e voltou  
para casa para executar as ordens dos terri-  
veis irmãos. Eram onze horas.

De maneira que a Eudoxia, depois de ter  
esperado debalde pelo Theophrasto, teve a  
desagradavel surpresa de abrir a porta  
aquella hora impropria a uma especie de  
doido, de cara amarella como açafrio, em  
quem difficilmente conheceu o marido, que,  
sem dizer uma palavra, lhe cahiu em cima  
com toda a força e lhe administrou escrupu-  
losamente, apesar dos seus protestos e dos  
seus gritos, o numero de palmadas marcado  
pelos penitentes.

### CAPITULO XIV

#### Os ardores da sr.ª Mouche

Na sexta feira, quando ia para as compras,  
o sr. Pinguin foi a casa da sr.ª Mouche.

Ella recebeu-o com alvoroço, com os olhos  
humedecidos e dando inexplicaveis suspiros.

Estava vestida com uma *matinée* verme-  
lha acerejada e tinha posto pó de arroz nas  
faces.

A casa estava empestada de agua de Co-  
lonia.

O Theophrasto espirrou.

Tinha vindo para se expandir no seio da  
ex-padeira.

Na vespera, parecera-lhe que ella conhecia  
a sua aventura com a cantora, e a appareção  
dos Irmãos da Morte tinha-o transtornado de  
tal modo que sentia a necessidade de se alli-  
viar por uma confissão completa com uma

## BELISCOES

E' o que eu digo!

Andam todos a nove; e desde que  
pegou a mania só me falta ver os  
kagados a correrem á desfilada!

Até o Anastacio Fernandes alli  
das Portas de Santo Antão, um ho-  
mem que está cheio de cavallos, a  
ponto de já não ter onde os pôr,  
adquiriu em Sevilha um soberbo e  
magnifico andaluz, que tanto no do-  
mingo passado como na quinta feira  
fez pasmar toda a gente que o via  
passar na sua *charrette* a caminho  
da praça dos touros.

Palavra de honra que se os caval-  
los pudessem ser ministros, aquelle,  
pelo desembaraço e elegancia, dava  
um presidente capaz de levar isto  
a trote por bom caminho.

Aquillo é que é andar bem!

Ao que nós chegámos!!!

Os animaes sabem andar bem, e  
os homens nem por isso!

— Dizia um collega a semana pas-  
sada que o paiz está sem Rei, nem  
Roque.

Sem Rei, sem Roque, sem crédi-  
to, sem dinheiro, sem vergonha e  
sem segurança!

Tudo tremê, tudo está abalado,  
tudo sentê tremeliques.

As unicas coisas que estão assim  
tem-te não caias são o Frontão da ca-  
mara municipal, o Vertical e o sr.  
dos Navegantes.

— Até eu já armei em duellista!

Na quinta feira passada, antes de  
ir para a corrida no Campo Pequeno  
tive uma pendencia no Arco do  
Cego.

Foi o caso que passando alli pela  
porta de uma salchicharia, fui pro-  
vocado por duas passarinhas de

pessoa sincera que o consolasse e lhe resti-  
tuisse a tranquillidade.

Confiando na discreção da viuva que não  
o tinha atraçoado, havia julgado que era  
ella a unica pessoa digna de o ouvir. Estava  
longe de pensar que a mulherzinha o julgava  
apaixonado por ella. E isto, porque a sr.ª  
Mouche recebera um bilhete incandescente,  
assignado por Theophrasto, que o Sécigneur  
lhe tinha mandado, imitando a letra do sr. Pin-  
gouin, pela carta que elle escrevera á Gabri.

Depois de se sentarem defronte um do  
outro, ficaram ambos embaraçados. O sr. Pin-  
gouin não sabia por onde havia de principiar;  
a sr.ª Mouche tomava ares de virgem prom-  
pta para o sacrificio, esperando que o seu  
apaixonado se declarasse. Como elle ficava  
silencioso, ella resolveu-se a ser a primeira  
a falar.

Dando voltas entre os dedos a uma ponta  
da larga fita azul celeste que lhe rodeava a  
cintura, murmurou com voz aflautada:

— Então, Theophrasto, não tem medo de  
enganar a sr.ª Pingouin?

O sr. PINGUIN — Nem sempre se reflecte  
nas consequências, minha boa sr.ª Mouche...  
A gente deixa-se arrastar...

A sr.ª MOUCHE, como em *extase* — Não se  
resiste ao Amor! Mas porque esperou tanto  
tempo antes de se declarar? Não tinha adi-  
nhado, mausinho?

O sr. PINGUIN, começando a estar *atrapa-  
lhado* — Adivinhado... o quê?...

A sr.ª MOUCHE, baixando os olhos — Que...  
era amado! Ah! Theophrasto, quando recebi  
a sua carta encantadora, senti derreter-se-me  
o coração!... Quiz combater, resistir, mas foi  
trabalho perdido... estava vencida... Com-  
preendi que era sua de corpo e alma!

(Continúa.)